

NOTAS SEMIÓTICAS SOBRE MEMES

NOTAS SEMIÓTICAS SOBRE LOS MEMES

SEMIOTIC NOTES ON MEMES

Mariana Luz Pessoa de Barros*
Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: A partir da análise semiótica de memes que circularam, no Brasil, no período da pandemia de covid-19 (entre março de 2020 e fevereiro de 2021), propomos discutir a eficácia dos memes e seus efeitos de sentido. Para isso, selecionamos alguns aspectos que lhes são característicos: sua propagabilidade, que se constrói numa tensão entre replicação e invenção e está diretamente ligada à participação dos internautas em práticas de produção, de leitura e de compartilhamento; seu espírito lúdico, que contribui para a criação, bem como para a manutenção de comunidades; e as condensações de modelos passionais e de ação presentes nos memes.
PALAVRAS-CHAVE: Semiótica discursiva. Discurso digital. Meme.

RESUMEN: En este artículo, basado en la semiótica discursiva, nos proponemos discutir la efectividad y los efectos de significado de los memes, a partir de los textos que circularan en Brasil durante la pandemia del covid-19 (entre marzo de 2020 y febrero de 2021). Seleccionamos algunos aspectos que son característicos de los memes: su propagación que es producida por la tensión entre *reproducción* y *invención* y está directamente relacionada con la participación de los usuarios de internet en las prácticas de producción, de lectura e de intercambio; su espíritu lúdico; y la condensación de modelos pasionales y de acción presentes en los memes.

PALABRAS CLAVE: Semiótica discursiva. Discurso digital. Memes.

ABSTRACT: Grounded in semiotics perspective, this article focuses on the memes efficacy and meaning effects throughout the study of meme circulation during the covid-19 pandemic period (from March to February/2020) in Brazil. The analysis is based on selected characteristic aspects such as: dissemination, built on a tension between *replication* and *invention*, taking in to consideration internet users practices of production, reading and sharing; the playful aspect of memes and its role in communities creation and maintenance; and the passionate and actions models condensed in memes.

KEYWORDS: Discursive semiotics. Digital discourse. Memes.

1 INTRODUÇÃO

* Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: maluzpessoa@gmail.com.

Receber uma postagem qualquer e compartilhá-la numa rede social, fazer alguma interferência nela ou deixá-la como estava não são atividades mecânicas. Os textos diversos que lemos são elementos que interferem, fortemente, naquilo que consideramos que é real, que é verdadeiro, que é aceitável, que é condenável etc. Apreendemos o mundo também por meio deles. Além disso, é preciso lembrar que não recebemos as postagens de forma passiva. Como enunciatários, interpretamos, aceitamos, condenamos, rimos, duvidamos, a partir de nossos valores, crenças e saberes, construídos com base em outros textos, outros discursos, outras vivências. Além disso, podemos passar ao papel de enunciadores para replicar essas postagens, modificá-las e, quando possível, até mesmo deletá-las. Os memes de internet fazem parte desse conjunto de produções que, neste momento, talvez mais que em outros, se levamos em consideração o crescimento das redes sociais no Brasil e o contexto atual de pandemia, contribui para fomentar determinadas visões e atitudes.

O termo “meme” foi criado, fora do ambiente digital, pelo biólogo evolucionista britânico Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta* (1979), a partir de um paralelo com o termo “gene”. Enquanto “gene” diz respeito à transmissão de informação biológica, o “meme” é definido como uma “unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (p. 112). Nas palavras do autor:

“Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a “memória”, ou à palavra francesa mème. (DAWKINS, 1979, p. 112)

Dawkins fornece, como exemplos de memes, fenômenos culturais bastante gerais que envolvem alguma replicação, como “melodias, ideias, slogans, modas de vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (1979, p. 112). No entanto, é somente a partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000 que o termo começa a ser empregado para se referir a uma grande variedade de produções que circula nos ambientes digitais.

Marino (2018) propõe uma breve cronologia dos memes organizada em três fases. A primeira é a dos *proto-memes de internet*, que ocorre nos anos 90, com o compartilhamento de memes por e-mail (correntes, boatos etc.) e por grupos de discussão na Usenet. A segunda, da *subcultura dos memes de internet*, corresponde ao período que vai do final dos anos 90 até mais ou menos 2005, quando os memes circulavam em blogs pessoais e fóruns de mensagens. A terceira fase, dos *memes de internet globais*:

É marcada pelo nascimento de redes sociais e sua explosão mundial (2007-2010) e pela criação de recursos dedicados a memes de Internet, notadamente, websites temáticos com galerias bem estruturadas, geralmente oferecendo ferramentas semiautomáticas para que leigos também possam criar seus memes. (MARINO, 2018, p. 14)

A partir daí, observamos um enorme crescimento do espaço ocupado pelos “memes de internet”. Hoje, são usados em diferentes esferas de comunicação – política, didática, cultural, etc. – e se realizam a partir de materialidades bastante diversificadas, como vídeos, fotos únicas ou dispostas em sequência, gráficos, tiras, desenhos, combinados ou não com elementos verbais, que aparecem como legendas, falas de personagens, títulos etc. Ainda que seja difícil mensurar a presença dos memes na comunicação digital, podemos listar aqui alguns dados que não deixam dúvidas a respeito de sua enorme circulação nas redes. É o caso da quantidade de seguidores das “fábricas de memes”, páginas dedicadas, exclusivamente, à sua publicação, que os internautas acessam, muitas vezes, para “maratonar memes”. A comunidade *Capinaremos* conta com mais de um milhão de seguidores no Facebook e a *South America Memes* com mais de três milhões no Instagram, apenas para mencionar alguns exemplos. Também chamam a atenção os muitos sites, inclusive de grandes veículos de comunicação, que se dedicam a retrospectivas dos 10, 15 ou 20 melhores memes de determinado ano¹. Não podemos deixar de mencionar ainda os artigos científicos, monografias, dissertações e teses, que, no âmbito da linguística, sociologia, ciência política, entre outras áreas, procuram refletir sobre esse fenômeno, o que culminou, inclusive, na criação do #MUSEUdeMEMES, projeto desenvolvido por docentes e pesquisadores da Universidade Federal Fluminense.

¹ Exemplos de sites que fizeram retrospectivas: *Revista Glamour* (GLAMOUR, 2019); *Techtudo* (RAMOS, 2020) e *BuzzFeed* (NASCIMENTO, 2019).

Partindo dessas primeiras observações, propomos discutir duas questões, que, se por um lado, podem ser vistas como ingênuas, por outro, parecem-nos possíveis desencadeadores de reflexões pertinentes sobre os memes: por que os memes são tão eficazes em termos de comunicação? Que efeitos de sentido produzem? Não temos a pretensão de esgotar essas questões, mas é com base nelas que selecionamos alguns elementos característicos dos memes para abordar aqui: sua propagabilidade e seu espírito lúdico.

É preciso dizer ainda que optamos por tecer nossas reflexões a partir de memes produzidos no Brasil durante a pandemia de covid-19 (de março de 2020 até fevereiro de 2021), como uma forma de depreender, sem qualquer pretensão de exaustividade, discursos e sentidos que circularam nesse momento de crise sanitária e política.

2 ENTRE A REPLICAÇÃO E A INVENÇÃO

No dia 1º de março de 2020, foi ao ar uma edição do programa televisivo *Fantástico*, produzido e exibido pela Rede Globo, que contou com a participação do já bastante conhecido médico Drauzio Varella. O programa tratava da situação de mulheres trans confinadas em presídios masculinos no estado de São Paulo. Em um determinado momento, Drauzio conversa com Suzi de Oliveira, que conta, entre outras coisas, que não recebe nenhuma visita faz oito anos. Drauzio a abraça e diz “Solidão, né, minha filha?”. Essa conversa teve grande repercussão na mídia e nas redes sociais, muita gente se solidarizou com Suzi e elogiou a atitude do médico, e muita gente, um pouco depois, recriminou ambos por conta do crime pelo qual ela havia sido presa: Suzi havia estuprado e matado Fábio Santos Lemos, um menino de 9 anos. Em seguida, Drauzio, por meio de um vídeo, divulgado no YouTube, desculpou-se com a família da vítima e disse que, no momento da gravação do programa do *Fantástico*, desconhecia o histórico de Suzi.

A partir desse primeiro texto – a edição do *Fantástico* exibida no dia 1º de março –, foi criada uma série de memes, uma série sem ordem definida (não sabemos qual foi o primeiro, nem a ordem cronológica em que foram produzidos) e aberta, porque é possível entrar hoje numa rede social qualquer e criar um novo texto a partir de algum desses que já estão em circulação. Apresentamos a seguir alguns de seus exemplares:

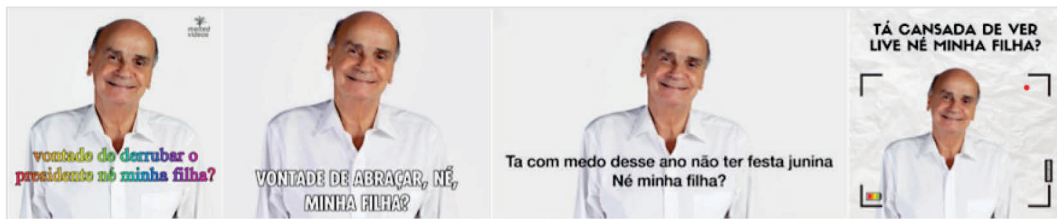


Imagem 1: Sequência da série “né, minha filha?”

Fonte: Museu de Memes, 2021



Imagem 2: Cena de vídeo de cachorro

Fonte: Museu de Memes, 2021



Imagem 3: Contra o patriarcado

Fonte: AsTirasDoCaos, 2021



Imagem 4: Torcer pelo Grêmio
Fonte: Arena do Grêmio, 2021



Imagem 5: Governo democrata
Fonte: Leandra Leal, 2020

Textos contendo frases como “solidão, né, minha filha?!” e suas inúmeras variações foram difundidos de forma incessante em 2020. É difícil imaginar um usuário das redes sociais no Brasil que não tenha se deparado ao menos com uma unidade da série, o que poderia indicar que o meme é um texto de grande circulação. No entanto, isso é insuficiente para uma definição de sua *propagabilidade*. Se um determinado texto é postado e passa a ser replicado incessantemente, por meio do compartilhamento, como aconteceu, por exemplo, com as fotos do Papa Francisco rezando sozinho na praça de São Pedro, no início da pandemia, isso não necessariamente produz um meme.

Os memes não são entendidos como unidades isoladas, mas como séries de textos. Essas séries são criadas a partir da participação e da intervenção de enunciadores, no geral, anônimos. Isso significa que, tomando por base um primeiro texto, nem sempre localizável, alguém faz uma montagem, compartilha em algum espaço digital, outras pessoas recebem aquele texto, fazem intervenções (maiores ou menores), compartilham, dando seguimento à série. Conforme aponta Paveau (2017), “Os memes de internet ou memes digitais são elementos culturais nativos da internet que se propagam na esfera pública por replicação e transformação nas redes e comunidades digitais” (p. 322; tradução nossa)². Logo, para haver meme, é necessário que haja essa combinação entre diferença e semelhança, como vemos nos textos da série “né, minha filha?”.

Muitos deles são produzidos no formato que se convencionou chamar de imagem-macro, que é composto por uma imagem com uma legenda sobreposta. No entanto, mesmo entre os poucos exemplos apresentados, encontramos também um vídeo (Imagem 2) e uma frase sem o uso de imagem, além daquela que faz parte do perfil do Twitter (Imagem 5). Logo, há variação em relação às linguagens utilizadas nos memes e também no modo de sincretizá-las, ou seja, de articulá-las em um texto³. Observamos ainda a variação de tipografia (há fontes com e sem serifa, fontes mais arredondadas ou menos etc.); de cor de fonte (branca, preta, colorida); de tipo de imagem (fotografia ou desenho); de figuras retratadas na imagem (Dráuzio sobre fundo branco, Dráuzio sobre fundo de escritório, cachorro no sofá, torcedoras do Grêmio); de composição verbal (elementos diversos são combinados com “né, minha filha?”). Apesar da diversidade, dada por alterações de diferentes ordens, é possível reconhecer cada um dos exemplares anteriores como pertencentes a uma mesma série. Neste caso, mantém-se sempre parte do elemento verbal – “né, minha filha(?)”. No entanto, de um texto para o outro é possível reconhecer ainda outras invariantes, há aqueles que compartilham também a figura do Dráuzio, ou outros elementos verbais, como “vontade de”, “saudade de” etc. As diferenças e semelhanças relacionam-se a fatores diversos, como as coerções de cada plataforma empregada, a intencionalidade do enunciador, a utilização ou não dos geradores de memes, entre outros.

Daí o uso dos termos “propagação” ou “propagabilidade” (*spreadability*), conforme definidos por Jenkins, Ford e Green (2014), para tratar da maneira como memes circulam: “A categoria da propagabilidade identifica um novo paradigma dinâmico para o

² “Les mèmes internet ou mèmes numériques sont des éléments culturels natifs d’internet qui se propagent dans la sphère publique par répllication et transformation dans des réseaux et communautés numériques”.

³ O sincretismo diz respeito à mobilização de múltiplas linguagens de manifestação na produção do efeito de unidade: “diferentes substâncias do plano da expressão [...] se articulam para produzir uma forma coerente e apreensível como um todo no plano do conteúdo [...]” (TEIXEIRA; FARIA; SILVA, 2014, p. 321). Assim, podemos falar em textos sincréticos, quando acionam mais de uma linguagem de manifestação, como é o caso dos filmes cinematográficos, das peças de teatro e de boa parte dos memes.

ecossistema midiático global contemporâneo, no qual um conteúdo é disseminado por diferentes plataformas e formatos, podendo ser personalizado” (MARINO, 2018, p. 19). Isso significa que as questões linguísticas e discursivas precisam ser tomadas a partir de sua indissociabilidade dos aspectos tecnológicos, que atuam nas práticas de produção, recepção e circulação.

Para tratar de alguns fatores dessa propagabilidade, propomos aqui uma retomada das relações entre *replicação* e *invenção* à luz da semiótica tensiva, desenvolvida por Fontanille e Zilberberg (2001). É importante mencionar que já existem, no âmbito da semiótica discursiva, outros trabalhos bastante relevantes a esse respeito, como o que vemos em Marino (2018), que elabora até mesmo uma “tipologia sintática” com base na propagabilidade dos memes, dividida em: *pré-prontos*; *samples* ou *remixes*; e *textos miméticos* (*remakes*). Já Fechine (2018) parte da observação de memes coletados no Facebook, em 2016, para estabelecer quatro posições dinâmicas – a replicação (repetição completa); a recriação (variação parcial); a invenção (variação completa); a imitação (repetição parcial) –, concebidas segundo o modelo elíptico de Landowski (2014) para uma sintaxe da interação.

Nosso interesse por abordar essa questão a partir da fundamentação da semiótica tensiva justifica-se, essencialmente, por dois pontos dessa proposta teórico-metodológica. O primeiro deles está relacionado à possibilidade de pensar nos termos *replicação* e *invenção* numa relação de gradação. Nesse sentido, cada um desses termos abarcaria um *continuum*, sendo que as diferentes formas de propagação dos memes poderiam ser localizadas como mais próximas de um extremo ou de outro em cada escala. O outro ponto concerne ao fato de que é preciso sempre haver um mínimo de replicação e um mínimo de invenção para que se constitua um meme e, entre as contribuições dadas pela semiótica tensiva, está a possibilidade de entender cada grandeza como complexa, ou seja, como resultante de uma função que coloca em relação duas outras grandezas. Assim, em cada meme reconheceríamos, obrigatoriamente, a presença da replicação e a da invenção, ainda que em “quantidades” desiguais.

Isso porque, se houver apenas a replicação, não se cria uma série. Antes de avançarmos, temos que lembrar, no entanto, que a replicação total não existe numa situação de enunciação. Ao replicarmos um texto qualquer, ainda que sem nenhuma modificação interna, produziremos um novo enunciado, num novo tempo e espaço, com um novo enunciador, e que vai ainda contrair novas relações. Se compartilhamos uma foto no Facebook, por exemplo, outras pessoas terão acesso àquele texto, outros comentários e reações surgirão, outras postagens estarão antes e depois dele, outros efeitos de verdade serão construídos com base em quem compartilhou etc. Nesse sentido, podemos dizer que o processo de compartilhamento é sempre uma reenunciação. Ainda assim, ao afirmarmos que a replicação total não gera memes, defendemos a ideia de que o meme não é uma composição isolada, mas parte de uma série, que só será produzida se houver algum grau de invenção, ou seja, se alguns dos compartilhamentos – não necessariamente todos – forem acompanhados de alterações, menores ou maiores, no interior do texto recebido. A simples replicação incessante leva ao que se convencionou chamar de “viral” e não aos memes, como vimos acontecer com as fotos do Papa Francisco rezando numa praça de São Pedro vazia.

Quanto à reinvenção, se ela for absoluta, ou seja, se nada do texto recebido for mantido, também não se produzirá um meme, pois se criará um texto completamente novo, que não será mais reconhecido como integrante de uma série. Assim, podemos afirmar com Fechine (2018) que:

Cada meme possui elementos que se repetem em todas as outras unidades e que permitem identificá-lo como uma parte da mesma série. No entanto, se cada unidade fosse idêntica à outra, a serialização não ocorreria. (FECHINE, 2018, p. 4, tradução nossa)⁴

Daí a necessidade de pensarmos na propagação dos memes como algo que se dá pelo tensionamento entre a replicação e a invenção, dosadas de maneira díspar a cada reenunciação. Se tomarmos mais uma vez a série “né, minha, filha?” como exemplo, podemos observar que há textos ali que destoam mais dos outros: no meme do Grêmio, a imagem é outra e o componente verbal também é bastante diferente dos demais. Então, podemos falar num aumento da invenção e redução da replicação; enquanto em outros exemplares, como aqueles com a foto do Dráuzio e os dizeres “vontade/saudade de X, né, minha filha”, há uma redução da invenção e aumento da replicação.

⁴ “Chaque mème possède des éléments qui se répètent dans toutes les autres unités et qui permettent de l’identifier comme une partie de la même série. Cependant, si chaque unité était identique à une autre, la sérialisation n’aurait pas lieu”.

Esse aspecto da propagabilidade dos memes traz certas consequências e efeitos de sentido específicos, como, por exemplo, o fato de cada meme ser lido a partir dessa relação com outros da mesma série, o que implica práticas de leitura específicas dos memes. Isso não significa que os memes não estejam também em relação intertextual e interdiscursiva com outros textos, mas que o confronto do exemplar com a série é peculiarmente significativo no caso do meme, que, sem isso, pode produzir no seu enunciatário a sensação de incompletude. Conforme Marino (2018, p. 25), “a natureza dos memes está na sua interobjetividade (um texto é um meme em relação a outros textos, ou seja, em relação ao seu originário e ao seu descendente)”.

Outro ponto que merece atenção concerne ao efeito de maior ou menor surpresa, que está em relação de dependência com o modo como o meme é manipulado. Para tratar dessa questão, retomamos aqui alguns desenvolvimentos da semiótica tensiva (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). A semiótica tensiva traz o ato perceptivo para o centro de suas preocupações. Nessa concepção, a percepção é compreendida como uma função, cujos fúntivos são a *intensidade* do ato perceptivo, grandeza que concerne aos aspectos sensíveis e afetivos, e a *extensidade* do campo percebido, grandeza que concerne ao inteligível. A invenção, nesse caso, corresponderia à intensidade, por ligar-se ao engajamento do sujeito, por propiciar a surpresa, o impacto sensível, enquanto a replicação seria da ordem da extensidade, daquilo que é previsível, que é apreendido por meio da inteligibilidade.

Logo, a invenção no meme diz respeito ao engajamento subjetivo, próprio da *intensidade*, pois possibilita a participação, por meio de suas modificações e de seu compartilhamento, num processo de reenunciação. Ao mesmo tempo, gera, entre os enunciatários, a curiosidade e a surpresa da descoberta do que há de novo em determinada série. Já a replicação, que funciona numa lógica inversa, a da *extensidade*, não age pelo impacto, mas oferece a possibilidade de previsão, de encontrar aquilo que era esperado e que se pode compreender sem grandes arroubos. O efeito é de conforto do conhecido.

Cabe aqui retomar Deborah Tannen (2007). A autora, a partir de outra perspectiva teórica, examina a repetição no texto conversacional e mostra sua contribuição para o envolvimento dos sujeitos na conversação e para a criação da “afinidade interpessoal”, que produz um efeito de universo compartilhado. Por meio da repetição, os sujeitos sentem ainda que estão cooperando para a criação do texto conversacional. Trazendo essas observações para o universo dos memes, podemos, então, compreender a replicação constitutiva da cadeia de memes como algo que contribui para esse efeito de cooperação e envolvimento, de que aqueles que compartilham ou modificam os textos recebidos fazem parte de uma mesma coletividade.

3 ESPÍRITO LÚDICO E PERTENCIMENTO

Passemos agora a outra característica bastante marcante dos memes: seu espírito lúdico, seu tom de humor. Para isso, retomaremos mais uma vez os memes da série “né, minha filha?”, apresentados no início deste artigo. Muitos desses textos retratam a situação de pandemia. Parece que os temas da solidão, da saudade e até do isolamento social, que estão contidos na situação vivida por Suzi, conforme apresentada na edição do *Fantástico*, são recuperados, agora com um tom de humor, para dar forma aos afetos experimentados na pandemia. Enquanto o texto do *Fantástico* tinha um tom sério, os memes trazem esse leve rir da própria situação, do próprio sofrimento.

Vale observar que todos esses memes condensam paixões ligadas à falta, o que, para a semiótica, significa que existe um sujeito de estado em disjunção com um objeto de valor desejável ou necessário. É este o caso da saudade, que aparece em “Saudade de um governo democrata no poder, né, minha filha?” e, de forma velada, em frases como “Vontade de abraçar, né, minha?”. Em termos semióticos, a saudade pode ser entendida como uma tristeza que nasce da comparação feita entre o presente disfórico e um suposto passado eufórico, o que instaura o sentimento de falta, modalizando o sujeito com um *querer*. No entanto, além da saudade, nesses exemplos, há também a espera (“Vontade de derrubar o patriarcado, né, minha filha?”), que diz respeito aqui ao desejo de uma conjunção futura com algum objeto de valor de difícil alcance.

O que nos interessa, entretanto, é colocar em evidência o fato de que todos esses memes trazem condensada uma pequena narrativa da falta de um objeto de valor, que se apresenta como algo que se perdeu (saudade) ou que ainda não foi obtido (espera). E essa é

uma das forças dos memes, esse poder de compactação de esquemas passionais, que permitem o rápido reconhecimento do que está ali, por pessoas que fazem parte de determinada comunidade. É necessário esclarecer ainda que, para a semiótica, as configurações patêmicas constituem-se como fenômeno social e histórico, o que torna possível essa partilha: “[...] sobre um fundo geral de dispositivos modais mais ou menos complexos – ‘atitudes’ ou ‘estados’ –, cada sociedade traça os conteúdos de sua configuração patêmica particular que, interpretada como uma grade de leitura social conotativa, tem por tarefa, entre outras, facilitar a comunicação intersubjetiva e social.” (GREIMAS, 1983, p. 16; tradução nossa)⁵.

As paixões da incompletude são, geralmente, tratadas com certa gravidade, por serem responsáveis pelo sofrimento humano. Nos memes, porém, são apresentadas por meio do humor, do lúdico, do rir de si mesmo, de sua própria impotência, afinal, o sujeito gostaria de dar um abraço ou de dar aulas presenciais, mas não pode, está, assim, modalizado por um querer ser e um não poder ser. Logo, o riso é provocado por essa recorrência de um rebaixamento de si, ainda que visto com leveza, com certo relaxamento.

Tais constatações permitem afirmar que o tom lúdico dos memes tem relação com essa espécie de brincadeira que se faz acerca de maneiras de ser e também de fazer, ou ainda, de modelos passionais e de ação já bastante sedimentados, por meio de uma práxis enunciativa (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). O que ocorre é que esses modelos são convocados pelos memes, mas de maneira condensada, para que se tornem objetos de riso. Assim, a leitura esperada implica a rápida identificação desses modelos, seu desdobramento e o rir deles, o que ocorre apenas se fazemos parte dos grupos que compartilham certas práticas discursivas.

Essa operação de condensação pode ser mais bem compreendida se trouxermos à luz o que dizem Greimas e Courtès (2008) a respeito da elasticidade do discurso, que consiste em sua aptidão para distender-se ou concentrar-se, a partir de dois tipos de atividades: expansão e condensação. Em “Vontade de abraçar, né, minha filha?” ocorre a condensação da seguinte narrativa: antes podíamos trocar afetos a partir do contato corporal com outras pessoas, agora não podemos mais, por conta da pandemia, e estamos sentindo falta disso. Há certa equivalência semântica entre essas duas unidades discursivas, porém suas dimensões são diferentes. Para exemplificar a expansão, podemos pensar numa explicação que é dada do significado de determinado termo. Do enunciatário que se depara com uma narrativa condensada, como nos memes, é exigido o movimento inverso, de descompactação, para que determinado conteúdo se torne inteligível.

Passemos agora a outra série, que começou a circular em julho de 2020:

⁵ “[...] sur le fond général de dispositifs modaux plus ou moins complexes – ‘attitudes’ ou ‘états’ –, chaque société trace les contenus de sa configuration pathémique particulière qui, interprétée comme une grille de lecture sociale connotative, a pour tâche, entre autres, de faciliter la communication intersubjective et sociale”.

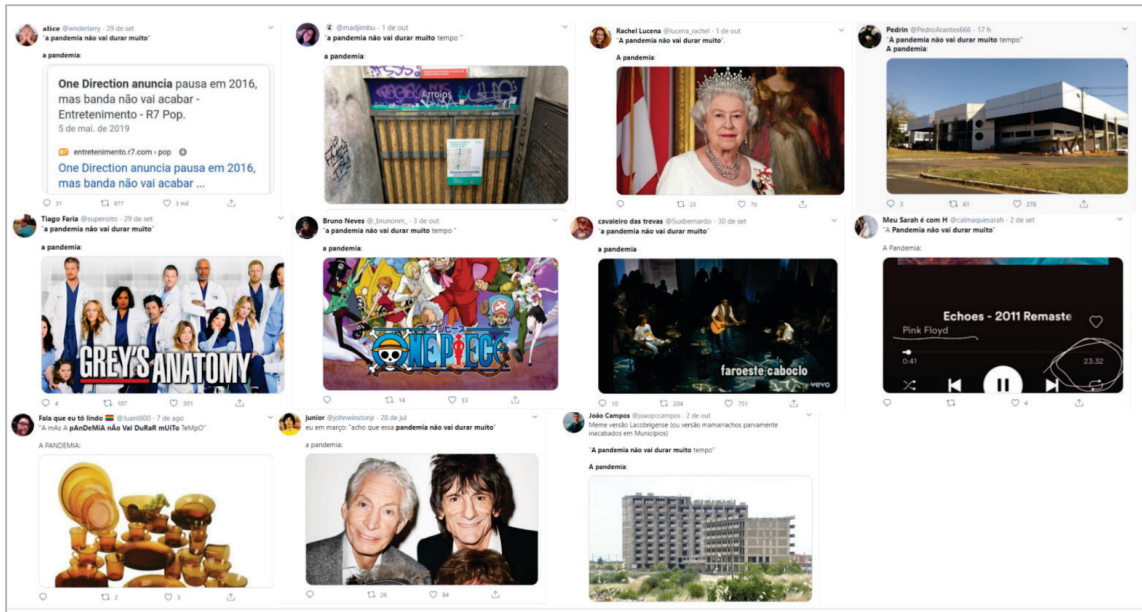


Imagem 6: A pandemia não vai durar muito

Fonte: Museu de Memes, 2021

O componente verbal, que aparece acima da imagem, condensa a crença partilhada por certos grupos de que a pandemia teria uma pequena duração. Haveria sujeitos, que em algum momento, encontravam-se modalizados por um crer na *brevidade da pandemia*. Já o componente visual, aqui no geral uma foto, traz figurativizados pessoas, eventos, séries, entre outros elementos, cuja duração é reconhecida como extremamente longa. Estabelece-se, desse modo, uma oposição entre a crença inicial, expressa no verbal, e a duração extremamente longa da pandemia, retratada na imagem. É dessa desproporção entre a duração breve, na qual era depositada uma crença, e a duração “real” da pandemia que nasce o riso. Há, portanto, um crer inicial que é surpreendido e também frustrado, pois, em termos veridictórios, o sentido que se produz é que parecia breve, mas não era, e não podemos esquecer que a desgraça nossa ou alheia também pode ser objeto de humor. Além disso, o riso resulta ainda da comparação inesperada entre elementos díspares, como “pandemia” e “rainha da Inglaterra” ou “pandemia” e “a canção ‘Faroeste Caboclo’”. Isso porque essa aproximação, tanto entre elementos aspectualmente desproporcionais (breve e longuíssimo) quanto entre elementos que seriam incomparáveis semanticamente, surpreende o enunciário e, conforme mostra Possenti (2010), a surpresa é um dos elementos essenciais do humor.

A duração longa, sem previsão de fim, é figurativizada de diversas formas – rainha Elizabeth; Rolling Stones; construções que não são finalizadas; canção “Faroeste Caboclo”; séries como *Grey’s Anatomy* etc. Para rir junto com o enunciador dos memes e ainda querer replicá-los, é preciso que tais figuras sejam reconhecidas pelos internautas. Isso significa que nem todas as pessoas darão risadas de todos esses textos, ou os compartilharão, ainda que sua estrutura geral possa ser compreendida. Para isso, é preciso que haja a partilha de certo repertório textual e discursivo. Podemos supor que “Faroeste Caboclo” não seja uma canção conhecida por todos os públicos, ou todas as gerações, podemos fazer a mesma afirmação para o mangá *One Piece*. Com isso, são delimitadas ou fortalecidas certas comunidades e o senso de pertencimento ou de exclusão a elas. Rimos juntos se temos essa memória partilhada ou não rimos se não temos. Isso é algo importante a ser dito sobre os memes: eles se difundem muito, mas dentro de certos limites.

A seguir, apresentamos exemplares de outra série de memes:

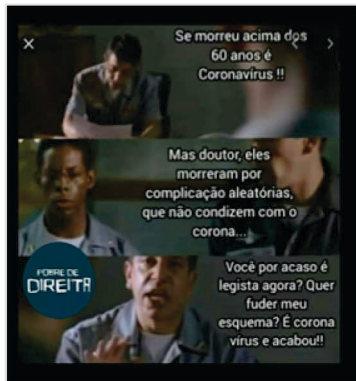


Imagem 7: Complicações aleatórias

Fonte: Pobre de direita, 2020

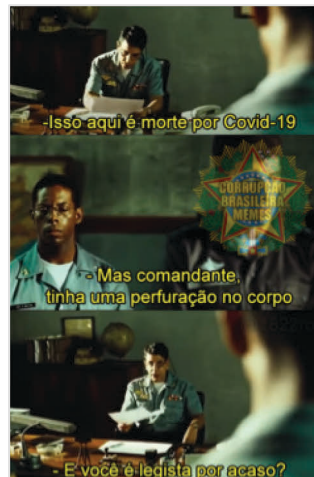


Imagem 8: Perfuração no corpo

Fonte: Corrupção Brasileira Memes, 2020



Imagem 9: Problemas de pulmão

Fonte: Facebook, 2020

Esses textos foram feitos a partir do filme *Tropa de elite* (2007), de José Padilha, no qual, em determinado momento, ocorre o seguinte diálogo: “morte na praia é afogamento”; “mas, comandante, tinha uma perfuração no corpo”; “você é legista por acaso?”. A partir de modificações no componente verbal (inserção do coronavírus, por exemplo, mudança da fala para a escrita) e mesmo visual (inserção da figura do Dória, transformação do filme para imagem fixa, organizada numa sequência de cima para baixo, em três cenas), são criados esses memes, que possuem elementos comuns e também diferenças entre si.

As variações estão na tipografia, na escolha de palavras, no enquadramento, na presença ou ausência dos balões de fala, na presença ou ausência da figura do Dória etc. Entre os elementos que se repetem, há, por exemplo, a organização em três quadros, a relação intertextual com o filme, o fato de o componente verbal se apresentar como discurso direto emitido pelas pessoas figurativizadas na imagem. Além disso, os três textos mostram uma situação em que uma morte causada por tiro ou outro motivo qualquer é, a mando de uma autoridade ligada ao Estado, computada como tendo o coronavírus como causa, recuperando do filme os temas da mentira, da corrupção e da falência das instituições.

A partir daí, podemos lançar a seguinte questão: esses memes estão rindo do quê? Nota-se que essa série condensa um modelo de ação que leva à ocultação da verdade e à produção da mentira, especificamente, dentro de uma instituição pública. Pensando nas relações de veridicção, temos aqui algo que não parece e não é, ou seja, não parece coronavírus e não é coronavírus. No entanto, há um sujeito (destinador-manipulador) que obriga o outro (sujeito do fazer) a colocar a população em disjunção com esse saber. O efeito que se cria é o de que a população está sendo enganada, mas ao mesmo tempo de exibição de algo que estaria óbvio, evidente: perfuração no corpo não é uma morte causada pelo coronavírus. Somos convidados a rir do que é visto aqui como absolutamente incompatível com uma suposta realidade. Aqueles que não riem são, portanto, colocados no papel de mentirosos ou de estúpidos, afinal, estariam deixando de enxergar o óbvio, como naquele ditado: “O pior cego é aquele que não quer ver”. Outro efeito resultante é o da geração de dúvida em relação ao número de mortos e à gravidade do coronavírus, o que, certamente, contribui para a desinformação.

E quem vai compartilhar tais memes ou rir deles? Para que isso ocorra, é preciso identificar-se a determinada ideologia, partilhar certos valores, saberes e crenças. Além disso, é preciso dizer que compartilhar ou rir junto – embora cada um na sua casa, com o seu dispositivo – contribui para o fortalecimento do senso de pertencimento a certos grupos. Quando isso se dá, são reafirmados esses mesmos valores, saberes e crenças, e ainda avivados laços e conexões.

Vemos, portanto, que esse tom lúdico e também o modo como o meme circulará – seus limites e seu alcance – estão muito relacionados à partilha de crenças, valores e saberes. Por conta disso, os memes são textos que contribuem fortemente para a criação

de certas identidades de grupos. Quando rimos ou compartilhamos, com menor ou maior grau de recriação, estamos mostrando a que grupos pertencemos – daqueles que nasceram nos anos 80 e eram fãs de Legião Urbana; dos que moram na cidade em que determinada obra nunca foi terminada e, por isso, a reconhecem; dos que pensam, como o presidente do Brasil que a covid-19 não passa de uma gripezinha; dos que, ao contrário, alertam para sua gravidade e defendem a vacinação etc. – e também nos conectando a pessoas desses mesmos grupos.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MEMES

Teceremos aqui algumas observações finais a respeito da eficácia dos memes, a partir dos dois pontos centrais discutidos neste artigo: sua propagabilidade e seu tom lúdico. Certamente não podemos explicar essa eficácia apenas por um fator, mas pela conexão entre diversos elementos que são característicos das séries de memes.

O uso de referências e visões de mundo partilhadas, que se dá por meio da relação de intertextualidade e de interdiscursividade (por exemplo, com o filme *Tropa de elite* ou com um cartaz de uma série), favorece a produção do efeito de pertencimento a um grupo que partilha saberes, crenças e valores. Seu tom lúdico também corrobora com esse efeito, ao permitir que se ria junto com aqueles que são considerados iguais. Já a condensação de modelos passionais e de ação permite, entre outras coisas, certa rapidez em sua apreensão, sendo, assim, um elemento importante para que o meme circule tanto e possa contribuir para a criação/manutenção da coesão dos grupos.

Quanto à possibilidade de participação, ligada às formas de propagabilidade dos memes, podemos afirmar que essa característica deles gera o efeito de que todos podem ser seus produtores. Ainda com relação a esse aspecto, chama a atenção a estética mais caseira dos memes, que deixa ver as marcas de seu processo de composição, o que apenas reforça essa ideia de que todos podem criá-los, de maneira mais “artesanal” ou por meio dos geradores de memes. Logo, a possibilidade de reinventar um meme é um fator importante para o engajamento dos internautas, tanto por permitir que participem como produtores, quanto por instigá-los a descobrir o que há de novo naquela série já conhecida. O tom lúdico, já brevemente comentado, também favorece esse engajamento, ao acionar um fazer sentir.

Por fim, resta tratar da repetição, elemento que, como vimos, contribui fortemente para que se mantenha a “conversa”. O efeito é de cooperação e envolvimento entre aqueles que compartilham memes, com ou sem modificações, pois, afinal, estão construindo um texto comum: a série de memes.

Como já anunciou o título deste artigo, são notas semióticas sobre o memes, em que se buscou produzir, nessa perspectiva de estudo, um pouco mais de conhecimento sobre esses textos e o papel relevante que têm na sociedade, também, ou principalmente, em momento de pandemia.

REFERÊNCIAS

AS TIRAS DO CAOS. Instagram. @astirasdo caos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMKYzzKjD4W/>, 8 mar. 2021. Acesso em: 9 mar. 2021.

ARENA DO GRÊMIO. Instagram. @todosnaarena. Disponível em: <https://twitter.com/todosnaarena/status/1244732513383309315/photo/1>. 30 mar. 2020. Acesso em: 15 fev. 2021.

CAPINAREMOS. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/capinaremos>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CORRUPÇÃO BRASILEIRA MEMES. Instagram. @corrupcaobrmemes. Disponível em: <https://www.instagram.com/corrupcaobrmemes/?hl=pt-br>. Acesso em: 15 fev. 2021.

- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução de Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- FECHINE, Y. Pour une sémiotique de la propagation: invention et imitation sur les réseaux sociaux. *Actes Sémiotiques*, n. 121, p. 1-18, 2018.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.
- GLAMOUR. Redação. Melhores do ano: os memes mais engraçados de 2019. *Glamour*. 9 de dez. 2019 5h40. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2019/12/melhores-do-ano-os-memes-mais-engracados-de-2019.html>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- GREIMAS, A. J. *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J. A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima *et alii*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. *Cultura da conexão: criando valor e significação por meio da mídia propagável*. Tradução de Patrícia Aurnaud. São Paulo: Aleph, 2014.
- LANDOWSKI, E. *Interações arriscadas*. Tradução de Luiza Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores/Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.
- LEANDRA LEAL. @leandreal. 14 abr. 2020, 11:11 AM. Disponível em: <https://twitter.com/leandreal/status/1253688055015374848>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- MARINO, G. Semiótica da propagabilidade: uma abordagem sistemática de memes e virais de Internet. Trad. Cecília Almeida Rodrigues Lima. *Revista Ícone*, v. 16, n. 1, p. 9-41, 2018.
- MUSEU DE MEMES. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- NASCIMENTO, Victor. Esta é a retrospectiva dos memes de 2018, do laPOC ao Iti Malia. *Buzzfeed*. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/esta-e-a-retrospectiva-dos-memes-de-2018-do-iapoc-ao-iti-malia>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- PAVEAU, M.-A. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Hermann: Paris, 2017.
- POBRE DE DIREITA. Twitter. @pobrededireita. Disponível em: <https://twitter.com/pobrededireita>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, Guilherme. Relembre os 15 melhores memes que viralizaram na Internet em 2020. *Techtudo*. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-os-15-melhores-memes-que-viralizaram-na-internet-em-2020.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SOUTHAMERICAMEMES. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/southamericamemes/?hl=pt-br>. Acesso: 15 fev. 2021.
- TANNEN, D. *Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TEIXEIRA, L.; FARIA, K.; SOUSA, S. M. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. *Desenredo*, v. 10, n. 2, p. 314- 336, jul./dez. 2014.

TROPA DE ELITE. Direção: José Padilha. Roteiro: Rodrigo Pimentel, Bráulio Montovani e José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Distribuidora: Universal Pictures do Brasil, 2007.



Recebido em 23/02/2021. Aceito em 03/05/2021.